



Programa de Pós-Graduação *Lato Sensu*
Especialização em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação
Campus Nilópolis

Patrícia Pereira Acosta

CULTURA VISUAL E A CONSTRUÇÃO DE ESTAMPAS

Nilópolis/RJ
2018

Patrícia Pereira Acosta

CULTURA VISUAL E A CONSTRUÇÃO DE ESTAMPAS

Memorial descritivo apresentado como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de especialista em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Luís P. Rodrigues | Caê

Nilópolis/RJ
2018

Patrícia Pereira Acosta

CULTURA VISUAL E A CONSTRUÇÃO DE ESTAMPAS

Memorial descritivo apresentado como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de especialista em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação.

Data da aprovação: ___/___/___.

Prof. Dr. Jorge Luís P. Rodrigues | Caê (Orientador)
Instituto Federal do Rio de Janeiro - IFRJ

Prof. Ms. Flavio Mota de Lacerda Pessoa
Instituto Federal do Rio de Janeiro – IFRJ

Prof. Ms. Sérgio Luís Sudsilowsky
Universidade Veiga de Almeida – UVA

Nilópolis/RJ
2018

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, em seguida aos meus pais que sempre buscaram oportunizar conhecimento e sempre ofereceram apoio às minhas decisões e das minhas irmãs também, com muito amor e dedicação. Foi através de uma delas que fiquei sabendo da existência do curso de especialização. Ela viu que tinha e achou que eu poderia gostar. Amei muito! Obrigada, Tati! Agradeço às minhas queridas irmãs mais velhas por todo o apoio, broncas e conselhos. Espelho-me de várias formas nelas, são exemplos pra mim. Agradeço a minha avó Nilza (*in memorian*), uma doçura de pessoa, grandiosa mulher e à minha avó Jurema, que sempre me apoiou em diferentes momentos. Eu a amo muito e ela sempre esteve presente pra ajudar em muitos momentos. Agradeço ao meu companheiro de jornada, Felipe, outro grande amor de pessoa na minha vida, sempre apoiador e incentivador. Aos meus sogros e cunhada, que torcem muito por mim. Aos meus tios, primos, agradeço demais por sermos essas grandes famílias.

Agradeço aos meus amigos que me compreenderam em momentos em que não podia estar perto deles durante a jornada da pós. Vocês são incríveis!

Às minhas amigas que sempre estão por perto: Monique, que desde o ensino médio somos grudadinhas nos falando todos os dias. TODOS! ; Alexandra e Sabrina, desde que o Design entrou na minha vida; Lorrana, desde aquele trabalho longe de casa na marcas de roupas infantis. Todas vocês ocupam um espaço gigante no meu coração.

Ah, aos amigos da pós: Ana Cláudia, Denise, Rodrigo, Rebeca, Samanta, Dogivan, Caroline, Janice, Júlia, Priscilla e Priscila, que se mostraram verdadeiros companheiros de jornada. Foi uma experiência incrível que vou levar pra vida inteira.

Ana Cláudia, queridona! A gente se apoiou muito e estamos aqui finalizando essa etapa! Te admiro muitíssimo! Obrigada!

Rodrigo Claro, meu colega de pós, meu amigo, que me levou para fazer a oficina na escola em que ele dá aulas. Marcou reunião com a diretora e a coordenadora Nadia Coutinho e tudo foi se ajustando. Agradeço muito! Esteve lá até o momento da exposição dos trabalhos.

Nadia Coutinho, por todo o suporte na escola, abriu as portas para que este trabalho acontecesse. Muito obrigada, mesmo! Agradeço às diretoras do Colégio Estadual Aydano de Almeida por me receberem tão bem e por acreditarem que o projeto daria certo.

Ao meu orientador Jorge Caê! De primeira eu pensei em um projeto que ele julgou não se enquadrar como projeto de especialização. Fiquei chateada à época, mas depois com as suas aulas de “Cultura Visual e Pensamento Crítico”, fui gostando e surgiu a ideia da oficina e ele prontamente aceitou orientar. Eu estou aprendendo muito e adorei ter você como orientador. Muito obrigada!

Agradeço a todos os professores da pós que foram sempre generosos em transmitir o conhecimento. Eu com certeza saí da pós com outras visões, e aprendi coisas que pensei que estivessem distantes de mim. Os debates eram sempre muito enriquecedores.

Enfim, agradeço aos membros da banca Flavio Pessoa e Sérgio Sudsilowsky que aceitaram compor a banca de defesa do meu trabalho de conclusão de curso.

ACOSTA, P. P. *Cultura visual e a construção de estampas*. 52 p. Realização de Trabalho de conclusão de curso (Especialização em linguagens Artísticas, Cultura e Educação) – Programa de Pós-Graduação Lato Sensu, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), Campus Nilópolis, RJ, 2018.

RESUMO

O seguinte trabalho apresenta o memorial descritivo da realização de oficina de estampas experimentais a partir de artefatos do uso do cotidiano do adolescente, objetivando assim despertar reflexões no âmbito da cultura visual, imagens visuais em cada participante para que analise como ele se vê no mundo, como percebe o seu papel, se ele se vê como atuante ou apenas observador. Durante a oficina os participantes foram os produtores, tendo o mínimo possível de interferência da interlocutora, para que a atuação não fosse passiva e sim ativa.

Palavras-chave: Cultura Visual. Estampa Artesanal. Artefatos. Expressão Visual.

ACOSTA, P. P. *Cultura visual e a construção de estampas*. 52 p. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em linguagens Artísticas, Cultura e Educação) – Programa de Pós-Graduação Lato Sensu, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), Campus Nilópolis, RJ, 2018.

ABSTRACT

The following work presents the descriptive memorial of the realization of a workshop of experimental prints from artifacts of everyday use of the adolescent, aiming to awaken reflections in the field of visual culture, visual images in each participant to analyze how it looks in the world, how he perceives his role, if he sees himself as acting or just as an observer. During the workshop the participants were the producers, having the minimum interference from the interlocutor, so that the action was not passive, but active.

Palavras-chave: Visual Culture. Art Print. Artifacts. Visual Expression

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

1	Chinelo branco. https://produto.mercadolivre.com.br	21
2	Chinelo amarelo. http://www.insharee.com/t/chineluxo	21
3	Pés com chinelos. blogdagleicemerie.blogspot.com.br	22
4	Mochila preta. www.surfdome.us	22
5	Vista para Pão-de-açúcar. www.oceantours.com.br	23
6	Fachada <i>shopping</i> . www.portalrionegocios.com.br	24
7	Rua comercial em Ilhéus. www.correianelesnews.com.br	25
8	Chinelos estampados. https://www.pinterest.pt	27
9	Obras de Nhozinho. Arquivo pessoal	28
10	Obras de Nhozinho. Arquivo pessoal	28
11	Simulação estampa em bolsa. Fonte: Arquivo pessoal	29
12	Simulação estampa em bolsa. Arquivo pessoal	29
13	Exemplo de estampa manual com carimbo. www.imgrum.org/	30
14	Exemplo de flâmula de tecido. mercadolivre.com.br/MLB-871841290	30
15	Participantes iniciando os desenhos/esboços. Arquivo pessoal.	32
16	Participantes esboçando os elementos. Arquivo pessoal.	33
17	Participantes esboçando os elementos. Arquivo pessoal.	33
18	Composição dos elementos da estampa no molde. Arquivo pessoal	33
19	Esboço inicial dos elementos a partir das reflexões sobre a caixinha de música. Arquivo pessoal.	35
20	Execução da transferência do desenho do elemento	35
21	Confecção do carimbo com o meu auxílio para o corte do papel Paraná. Rodrigo Claro	35
22	Pintura com auxílio do pincel. Arquivo pessoal	35
23	Aplicação do carimbo sobre o tecido. Arquivo pessoal	35
24	Participante esboçando. Arquivo pessoal	36
25	Participante com a estampa planejada no papel e com o carimbo pronto para aplicação. Arquivo pessoal	36
26	Pintura de elemento diretamente no tecido. Arquivo pessoal.	37
27	Resultado final da flâmula. Arquivo pessoal.	37
28	Impressão dos carimbos no tecido da flâmula. Arquivo pessoal	37
29	Flâmula mais trabalhada tanto com pintura a pincel quanto pintura a dedo. Arquivo pessoal	38
30	Finalização da flâmula. Arquivo pessoal.	38
31	Execução dos carimbos depois de finalizar os esboços. Arquivo pessoal	39
32	Retoque na impressão do carimbo para realçar as cores. Arquivo pessoal	39
33	Retoque na impressão do carimbo para realçar as cores. Arquivo pessoal	40
34	Finalização da flâmula com mais elementos. Arquivo pessoal	40
35	Confecção segunda flâmula. Rodrigo Claro	41
36	Confecção segunda flâmula. Rodrigo Claro	41
37	Confecção segunda flâmula. Rodrigo Claro	41
38	Confecção segunda flâmula. Rodrigo Claro	41
39	Confecção segunda flâmula. Rodrigo Claro	41
40	Confecção segunda flâmula. Rodrigo Claro	41
41	Fim da oficina com exibição das estampas nas flâmulas. Rodrigo Claro	42
42	Exposição das flâmulas nas dependências da escola. Arquivo pessoal	43
43	Exposição das flâmulas nas dependências da escola. Arquivo pessoal	43

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 JUSTIFICATIVA.....	10
3 OBJETIVOS.....	12
3.1 OBJETIVO GERAL.....	12
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	12
4 PÚBLICO ALVO.....	13
5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	14
6 METODOLOGIA.....	18
6.1 REALIZAÇÃO E EXPERIÊNCIA DA OFICINA.....	19
7 RESULTADOS PREVISTOS.....	44
8 CRONOGRAMA.....	45
9 ORÇAMENTO.....	46
10 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
11 REFERÊNCIAS.....	51
12 APÊNDICE.....	52

1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste projeto é relatar a realização de uma oficina de estampa artesanal experimental em uma escola pública, o Colégio Estadual Aydano de Almeida, em Nilópolis, na Baixada Fluminense. A oficina foi o produto do trabalho de conclusão do curso de Especialização em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ), campus Nilópolis. A atividade gerou este memorial descritivo, onde relato as etapas e comento as minhas observações do processo do projeto.

A oficina foi organizada, adequada e aplicada a estudantes adolescentes na faixa etária compreendida entre 13 e 15 anos. A realização aconteceu na biblioteca do Colégio Estadual Aydano de Almeida, em Nilópolis, Rio de Janeiro. Cada participante foi avisado a respeito da data da oficina com antecedência e foi incentivado a levar um artefato que fizesse parte de seu cotidiano. Estes artefatos foram analisados, descritos por seus respectivos donos em sala e, em seguida, elaboraram reflexões em relação ao que sentiam a partir deles, que memórias despertavam, qual importância representavam, sentidos que possuíam. Segundo o historiador da arte CARDOSO (2013, p.76), “Os artefatos servem tanto de ponto de partida para as lembranças quanto para encerrar litígios”.

Após uma discussão a respeito da oficina, um breve conceito sobre Cultura Visual foi apresentado para que compreendessem ainda mais a respeito do tema e o quanto estamos rodeados por imagens. Tendo essas discussões sido feitas, os participantes receberam a proposta de representar elementos de forma gráfica que remetessem a esses sentidos, significados, memórias, sentimentos, sensações que os artefatos traziam a eles. Esses elementos foram trabalhados e aplicados em uma estampa artesanal experimental. A estampa foi feita sobre um tecido de algodão.

A atividade buscou incentivar a reflexão sobre os artefatos, imagens que rodeiam o universo de cada participante, para assim, também através da produção de uma estampa, exercitar a percepção de identidade, interpretação e expressão visual, onde o indivíduo compreende melhor sobre si mesmo, sobre seu papel no mundo.

A oficina foi idealizada e fundamentada principalmente a partir de estudos de teóricos apresentados por autores que pesquisam a Cultura Visual, como Fernando Hernández, Leonardo Charréu e Raimundo Martins, onde o primeiro fala principalmente dos significados que cada imagem ou representação visual possui e o que elas podem contribuir para a constituição dos pensamentos de um indivíduo sobre ele mesmo e sobre o que está ao seu

redor. Leonardo Charréu aborda a importância do ensino de educação artística como uma forma de fazer o indivíduo pensar sobre ele mesmo e simultaneamente pensar o mundo. Desta forma, através destes conceitos, a oficina foi estruturada de forma a fazer os participantes pensarem sobre as imagens apresentadas durante a realização da atividade e a refletirem sobre os artefatos levados por eles e como esses artefatos atuam na formação de suas identidades e o que eles dizem sobre eles mesmos.

2 JUSTIFICATIVA

Como designer gráfica, o mundo das imagens me interessa de forma elevada, assim como me interessa a estamperia, um campo existente no Design de Superfície, que pode transformar e acrescentar sentidos aos artefatos. Conforme afirma a Doutora em Comunicação e Semiótica Freitas (2012):

A função da superfície vai além de ser o invólucro de qualquer corpo existente ou suporte de matéria-prima. É também a camada de comunicação com o mundo exterior. Por meio da manipulação da superfície, da seleção dos materiais, grafismos, texturas e cores nos objetos de uso é possível estimular os sentidos humanos e provocar sensações, fortalecendo a conexão estabelecida entre usuário e objetos por meio da experiência emocional. (FREITAS, 2009, p.36)

A designer de superfície e consultora de cores Renata Rubim foi quem trouxe para o Brasil a denominação *Design de Superfície* na década de 1980 após um período em que estudou nos Estados Unidos. Segundo a designer “Design de Superfície pode ser representado pelas mais diversas formas, desde que aceitemos que qualquer superfície pode receber um projeto” (RUBIM, 2010, p. 35)

Tenho também um interesse pela educação formal e informal. Assim, desde o começo do curso da pós-graduação me ocorria realizar um produto que envolvesse essas temáticas.

Além disso, textos da bibliografia básica da disciplina “Cultura Visual e Pensamento Crítico” me despertaram para pesquisar aulas de artes destinadas a adolescentes e a pensar formas de criação e aplicação de uma atividade prática como ferramenta didático-pedagógica que levasse em conta o que cada aluno pensa, o que vive, seu contexto social e visual.

As aulas de artes focadas em artistas e suas obras são importantes e necessárias para que se conheça a História da Arte. Entender o fazer artístico e o processo para se chegar até ela também o é. Mas conforme Hernández (2011), Doutor em Psicologia e Professor de História da Educação Artística e Psicologia da Arte na Universidade de Barcelona, as aulas devem ir além disso. O autor defende um currículo mais integrado com propostas de soluções de problemas a partir de desafios propostos e que precisem de um conhecimento prévio disciplinar e não disciplinador e que implique na procura por respostas e por novos questionamentos. Para o autor:

[...] uma proposta educativa a partir da Cultura Visual pode ajudar a contextualizar os efeitos do olhar e mediante práticas críticas (anticolonizadoras), explorar as experiências (efeitos, relações) de como o que vemos nos conforma, nos faz ser o que os outros querem

que sejamos e poder elaborar respostas não reprodutivas frente ao efeito desses olhares. (HERNÁNDEZ, 2011, p44).

A utilização de artefatos do uso cotidiano como ponto de partida para o desenvolvimento da estampa parte do princípio de que cada artefato possui uma mensagem, um significado, que vai além de sua função. Em torno de um artefato de *design* existe tanto o artefato em si, quanto a experiência e contexto de cada usuário, criando e despertando memórias, relações com situações vividas Cardoso (2013, p. 69)

Realizar uma oficina de estampa artesanal experimental a partir do contexto social e visual dos alunos, portanto, é um meio do adolescente se reconhecer e produzir algo que tenha mais sentido e importância na realidade em que vive. Pois conforme Hernández (2011):

[...] pode constatar-se, em diversas experiências e propostas, que se está permitindo tecer uma perspectiva alternativa de como se pode enfrentar não só o papel das artes visuais na escola, mas a função e o sentido de aprender em uma escola que reclama uma mudança radical em sua narrativa, de maneira que brinde projetos apaixonantes para que todos (com suas diferenças e posições diversas) encontrem seu lugar para aprender com sentido e articulem o que aprenderam em experiências de saber que lhes permita não só interpretar o mundo, mas atuar nele. (HERNÁNDEZ, 2011)

É preciso oferecer a oportunidade a estudantes para que compreendam melhor como o ciclo de imagens se comporta nas mídias, publicidade, cinema, jornais, vídeos na *internet*. É importante entender também como a realidade funciona à sua volta e como ele pode transformá-la, através de sua própria manifestação artística, possibilitada pela quebra de incentivo de ensinar como deve ser Hernández (2011).

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

Realizar uma oficina de estampa artesanal experimental a partir de conceitos e premissas da Cultura Visual para incentivar a percepção e expressão visual dos participantes.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Pesquisar técnicas de estampa que melhor possa fazer os participantes da oficina se expressarem;
- Perceber como os participantes se comportam e o que eles pensam e agem durante a oficina;
- Refletir sobre seus perfis de acordo com o artefato que levarem;
- Refletir sobre como transmitir os conceitos de Cultura Visual para o público-alvo de forma a adequada à faixa etária.
- Usar o tom didático de acordo com a faixa etária; pesquisar como a arte e a Cultura Visual influenciam na construção de suas identidades e a capacidade de expressão visual;
- Interferir o menos possível no processo de produção de cada um, para que demonstrem que são capazes de refletir e produzir por eles mesmos, sem reproduzir apenas;
- Incentivar os estudantes a pensarem sobre eles mesmos para construir a coletividade.

4 PÚBLICO-ALVO

A oficina foi produzida para estudantes de 13 a 15 anos do Colégio Estadual Aydano de Almeida, situado na Baixada Fluminense, especificamente no bairro de Nilópolis.

Esta faixa etária foi escolhida por compreender indivíduos que possuem características específicas, conforme relata a pioneira da arte-educação no Brasil, Ana Mae Barbosa:

[...] quero ressaltar a importância das experiências com artes na adolescência, idade difícil, de mudanças hormonais, corporais, de modo de pensar e sentir, de início de autonomia na vida privada e na sociedade, de interlimites. A linguagem presentacional das artes articula a cognição através da integração do pensamento racional, afetivo e emocional numa escola, à qual só interessa a linguagem discursiva e científica das evidências. (BARBOSA, 2016)

A escola da rede pública foi escolhida por ser um ambiente em que recebe mais estudantes de baixa renda que por vezes conta com menos infraestrutura e recursos do governo para as aulas que nas escolas da rede privada. Posteriormente ao dia da realização da oficina, intenciono levar para outras instituições tanto públicas como privadas.

5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Cultura Visual engloba questões sobre as formas de um indivíduo olhar para uma imagem e como esta imagem é constituída através dele e como o indivíduo que a vê se constitui. Hernández (2011, p.33) afirma que “[...] as imagens e outras representações visuais são portadoras e mediadoras de significados e posições discursivas que contribuem para pensar o mundo e para pensarmos a nós mesmos como sujeitos”. Uma imagem ou representação visual, então, pode receber diferentes leituras de acordo com quem a vê, pois cada um trará um “sentido cultural de todo olhar” (Elkins, 2003; Brea, 2005 apud Hernández, 2011)¹, supondo que todo olhar é formado por “marcas culturais e biográficas”.

A Cultura Visual trata também da “paisagem visual dos sujeitos”, descrita por Alpers² apud Hernández (2011, p.33), pois existe uma paisagem com diversos estímulos visuais que partem de museus, exposições, filmes, vídeo-clipes, anúncios publicitários, fotografias, onde o sujeito irá focar em algo específico desta paisagem e o local em que ele é fixado dentro deste cenário. A visualidade gira em torno de uma dualidade “olhar-dizer”, onde vemos e tentamos dizer o que vemos, mas sempre haverá algo a mais que não dizemos, pois os efeitos do olhar são subvertidos. Na educação existe um jogo de palavras que finda num simulacro “daquilo que falamos que vemos (e não de como nos vemos no que vemos)”. Hernández (2011, p. 34).

Nem sempre num ambiente escolar o aluno é indagado em relação ao que vê na imagem, em variadas circunstâncias, o professor/educador é condicionado a uma aula onde se apresenta uma imagem ou uma obra de arte e dela já são destacados pontos da imagem, referências que devem ser notadas pelos alunos tais como: técnica, ano, nome do artista, tipo de movimento artístico em que se enquadra. E em algumas vezes, os alunos são incentivados a fazer releituras das obras de arte, mas nem sempre pensando em fazer uma releitura mais subjetiva, que envolva mais o estudante no que ele poderia acrescentar em suas experiências cotidianas, suas experiências individuais ou coletivas.

Em muitas escolas as aulas de artes, principalmente as aulas de artes visuais, por não contarem com grande infraestrutura, tende-se a solidificar um modo de ensino em que as aulas vão se tornando um tanto “mecanizadas”, no sentido de não tomarem em consideração as

¹ ELKINS, James. *Visual Studies: a skeptical introduction*. Nova Iork; Londres: Routledge, 2003.

BREA, José Luis (Ed.). *Estudios Visuales: La epistemología de La visualidad em La era de la globalización*. Madrid: Akal, 2005

² ALPERS, Svetlana. *El Arte de describir: El arte holandês em El siglo XVII*. Madrid: Hermann Blume, 1987.

subjetividades, o contexto social e real dos alunos. Barbosa (2016) reafirma a importância de uma relação dialógica das linguagens artísticas:

A linguagem presentacional das artes articula a cognição através da integração do pensamento racional, afetivo e emocional numa escola, à qual só interessa a linguagem discursiva e científica das evidências. (BARBOSA, 2016).

As aulas de Artes possuem um importante papel na formação do indivíduo, pois atua no processo cognitivo, permitindo que o indivíduo desenvolva capacidades como leitura, interpretação, intertextualização, pensamento crítico. Estas capacidades vão tecendo os modos de pensar e ver o mundo e em como o indivíduo se localiza em seu meio. A Cultura Visual estuda mais profundamente essas questões, como afirma (Buck-Morss³, 2005, p.153-154 in Martins, 2011, p. 33):

“A Cultura Visual estuda e investiga a imagem como via de acesso ao conhecimento, como experiência que realça “realidades que de outro modo passariam despercebidas”. Ao mesmo tempo em que expandem e diversificam visões e versões do mundo, as imagens, “já não subordinadas ao texto como ilustração, são livres para atuar diretamente sobre a mente. A acessível cultura das imagens é a antítese do culto ao gênio artístico que expressa um mundo privado de significado”. (BUCK-MORSS, 2005, p.153-154).

Dentro do ambiente escolar, no âmbito educacional, a Cultura Visual tende a se articular como cruzamento de fatos sem ordem pré-estabelecida, permitindo questionar sobre as formas culturais de olhar e seus efeitos sobre cada indivíduo (Hernández, 2011, p.34). Por isso, se faz tão pertinente o uso das premissas da Cultura Visual nas aulas, pois assim evita-se a criação de imagens e conceitos pré-concebidos, reprodução de significados existentes exclusivamente e cria-se um ambiente que dialoga com os pensamentos e percepção de cada indivíduo a respeito de um objeto, artefato artístico ou não.

O ambiente escolar escolhido para a oficina foi o da escola pública e o público alvo, os adolescentes. Conforme Charréu (2011, p. 121) afirma: “um dos objetivos primordiais de uma educação artística contemporânea [...] é a de levar os aprendizes a pensar sobre o mundo, pensando-se simultaneamente”. Ou seja, aprender pensando sobre si mesmo, um aprendizado de dentro para fora, onde possam transformar em pensamento crítico que poderá ser aplicado a diferentes assuntos sob diversas abordagens. Charréu (2011, p. 123) traz a afirmação a seguir sobre a construção de um pensamento crítico através da Cultura Visual:

³ BUCK-MORSS, S. “Estudios Visuales y imaginación global”. In: BREA, J.L. (Ed.). Estudios Visuales: la epistemología de la visualidad en la era de La globalización. Madrid: Akal, 2005, p. 145-159.

A necessidade de se reinventar conceitos como emancipação social, repensar a teoria da cultura a partir da periferia, enfrentar a lógica do capital, reconhecer e dialogar com outros saberes externos à universidade, constituem roteiros adequados para um *trânsito* da Cultura Visual pelo interior de disciplinas que façam sentido fazer atuar criativamente para a construção de um dado conhecimento crítico necessário. (CHARRÉU, 2011, p. 123 e 124)

Este ponto de vista do autor demonstra que a Cultura Visual deve estar presente em diversas áreas de estudo, pois as imagens existem para além das expressões artísticas, mas que não costuma acontecer, pois existe uma espécie de separação entre as artes e outras disciplinas. Outras disciplinas que se inserem em *rankings* de estatísticas internacionais que definem se o ensino em um país está seguindo um bom padrão ou não, são as que recebem mais atenção. (Charréu, 2011).

Para um educador/mediador trabalhar através das premissas da Cultura Visual deve-se levar em consideração que as imagens necessitam de “equivalentes históricos, dos seus múltiplos ou dos seus opostos para criar relações significativas.” Charréu (2011, p. 124). Uma educação pautada no contexto de seus estudantes é importante para que se avance em largos passos. Uma educação onde não há mudanças e um olhar que legitima somente o que é considerado “alto padrão”, não consegue incentivar poderes emancipadores nos indivíduos.

No Brasil, a Lei nº. 9.394 (BRASIL, 1996, Art. 26, § 2º) estabelecia em seu texto original que o ensino da Arte “constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis de educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”. Atualmente este texto diz: “O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório da educação básica”. Segundo Gomes e Nogueira (2008, p.585) “as políticas educacionais da atualidade necessitam adequar-se às questões sociais que estão refletidas na escola pública, como o desemprego, a violência e a marginalização, que se acentuaram como possíveis reflexos da globalização da economia, da política e da cultura”. Ainda de acordo com as autoras:

Os problemas atuais da sociedade, dos bairros e da comunidade, que adentram pelo portão das escolas, influenciam o modo pelo qual as políticas públicas são recebidas e postas em ação no ambiente escolar. Talvez seja importante estudar as políticas adotadas em diferentes períodos da educação, para que seja possível identificar as contribuições que, ao ensino atual, cabe oferecer à grande maioria das escolas públicas, que enfrentam dificuldades para colocar em prática as diretrizes e ações políticas estabelecidas no plano de governo, à luz da legislação. (GOMES;NOGUEIRA, 2008, p. 586)

Por essas questões, cada área de atuação de um professor, deve ser conhecida e pesquisada por ele para que possa saber como atuar e assim, uma política pública ser adotada

de acordo com as questões específicas do lugar. Referindo-se ao controle dos meios visuais Dondis (2001, p. 229) afirma que “precisamos examinar nossos métodos com o mesmo rigor que aplicamos à linguagem ou à matemática, ou a qualquer sistema universalmente compartilhado e portador de significado”. Diz ainda que:

Os educadores [...] precisam compreender que a expressão visual não é nem um passatempo, nem uma forma esotérica e mística de magia. Haveria então, uma excelente oportunidade de introduzir um programa de estudos que considerasse instruídas as pessoas que não apenas dominassem a linguagem verbal, mas também a linguagem visual. (DONDIS, 1991, p.230)

Para atender a essas premissas da Cultura Visual e para chegar a um estado em que o participante da oficina deste projeto se sentisse mais apto a produzir depois de ter efetuado diversas reflexões, a afirmação de Hernández (2011, p.38) que convoca educadores à expansão de perguntas que vão além dos “posicionamentos hegemônicos para com as práticas artísticas, explorando relações e possibilidades de interpretação e produção” foi levada em consideração. Para tanto, ao invés de serem feitas perguntas aos estudantes simplesmente como “o que você vê nesta imagem? Qual história conta essa obra”, foram articuladas novas perguntas: “O que vejo de mim nesta representação visual? O que diz esta imagem de mim? Como essa representação contribui na minha construção identitária? – como modo de ver-me e ver o mundo?” Hernández (2011, p.38). Com essas questões o autor pretende incentivar o estado de “deve ser” das artes e revelá-las como práticas sociais, descobrindo em que lugar as expressões artísticas nos posiciona como sujeitos (Hernández, 2011, p. 41).

O caminho para a Cultura Visual é longo, pois é construído diariamente e faz parte de um processo de percepção, interpretação, reflexão, que são ações demoradas. Faz-se necessário um incentivo maior nesta área, pois estamos rodeados de imagens, artefatos, carregados de significados impressos por diferentes culturas, diferentes pessoas. Vai além do significado de quem projetou, criou tal objeto, artefato. Esses significados dizem muito sobre quem o vê e quem o vê pode também dizer muito sobre isso.

Realizar um produto cultural como o que realizei, foi uma tentativa de incentivar mais esse interesse e despertar mais pessoas para o tema.

6 METODOLOGIA

Como base para a metodologia da ministração da oficina, utilizei teorias do autor Fernando Hernández, Doutor em Psicologia e Professor de História da Educação Artística e Psicologia da Arte de Barcelona, Espanha. Ele defende uma metodologia didática menos disciplinadora, onde o estudante é levado a refletir, a pensar e não apenas ouvir sobre uma obra de arte, sobre vida e obra do artista. Nesta metodologia o aluno aprende a pensar sobre o que vê e como o que ele vê se transforma a partir do seu olhar Hernández (2011). Podemos confirmar com o trecho a seguir:

[...] expandir as perguntas “o que você vê nesta imagem? Qual história conta essa obra?”, para se dirigir a um terreno que não tinha sido explorado e que se articulava em torno a novas perguntas: “O que vejo de mim nesta representação visual? O que diz esta imagem de mim? Como essa representação contribui na minha construção identitária – como modo de ver-me e ver o mundo?”. (HERNÁNDEZ, 2011, p. 38)

A primeira etapa da oficina foi anunciar aos estudantes que deveriam levar um artefato que fizesse parte do cotidiano, que possuísse algum significado importante para as suas vidas. No dia, houve uma apresentação breve sobre mim e apresentei imagens para conversar com eles a respeito da Cultura Visual, mas sempre com caráter de tutora e não instrutora, disciplinadora. No dia da parte prática cada um mostrou seus artefatos e falou a respeito deles. Fiz as perguntas sugeridas por Hernández (2011, p.38) para que a partir da descrição, eles se sentissem aptos a elaborar reflexões. Meu papel foi o de fazer pequenas orientações e indagações para que o processo fosse feito por cada participante.

Então, com todo esse processo, os estudantes tiveram as imagens em mente, imagens que remetesse a sensações, lembranças referentes ao artefato que escolheram, e assim, expressaram sobre papel: elementos que fizeram parte da composição da estampa, traços e pinturas. Em seguida, apresentei uma técnica de estamparia artesanal, a de carimbos artesanais, como opção de técnica dentre outras mais simples, como a pintura direta sobre o tecido. Assim, eles experimentaram a criação de uma estampa em um suporte de tecido de algodão. Com o resultado dessas expressões eles puderam comentar sobre suas estampas e todos puderam falar sobre as impressões das estampas de seus colegas. Desta forma, eles tiveram a oportunidade de se conhecerem e conhecerem mais aos colegas, percebendo que cada um possui sua subjetividade e suas histórias.

6.1 REALIZAÇÃO E EXPERIÊNCIA DA OFICINA

Seguindo os passos da metodologia, foi agendada uma reunião com a diretora da escola e também com a coordenadora para apresentação do projeto. As responsáveis pela instituição de ensino demonstraram pronto interesse e aceitaram que eu ministrasse a oficina aos alunos do primeiro ano do ensino médio. Criei um roteiro da oficina (ver apêndice) para que eu pudesse realizar a atividade de modo planejado. Esse roteiro foi enviado para o orientador e para a coordenadora da escola para que avaliassem se estava de acordo com as expectativas do projeto. Assim que recebi a aprovação, iniciei a programação da oficina com slides e iniciei a pesquisa de uma técnica de estamperia artesanal, que no caso foi confecção de carimbos, de forma simplificada.

Posteriormente, foi marcada outra reunião para o agendamento das datas. As datas agendadas foram 09 de outubro para reunião com os alunos, onde apresentei a mim e o projeto, e dias 26 e 27 de outubro de 2017 para realização da oficina, com duração de duas horas para cada dia, acontecendo na parte da manhã, das 10h às 12h.

No dia 09 de outubro, compareci à escola para conversar com alunos do primeiro ano do ensino médio. A coordenadora perguntou-me se eu já tinha tido alguma experiência com aulas. Respondi que não. Como eu não tinha experiência docente, ela decidiu pedir ajuda de professores para que indicassem alunos que são considerados bons tanto em comportamento quanto em notas e que demonstrariam interesse em participar de uma atividade extraclasse. Este método me chamou a atenção, pois percebi que professores e coordenadores conseguem prever que determinados alunos não se comportariam bem diante de uma atividade fora da sala de aula, que talvez não demonstrassem vontade de participar do projeto e com isso, fizeram uma seleção prévia dos alunos.

Um pouco do método usado pela coordenadora e professores foi comprovado, pois no dia 09 de outubro, conversei com um grupo de oito alunos que eram alunos considerados mais dedicados e mais tranquilos. Durante a minha apresentação sobre o tema da oficina se mostraram atentos, apenas em alguns momentos paravam durante a minha fala para comentar algo a respeito do próprio tema.

Para apresentar o tema da oficina levei um artefato pessoal que utilizo no meu dia a dia. Iniciei mostrando o objeto, que é um porta-cartão, feito de material plástico e revestido com uma camada de estampa de coruja colorida. Expliquei que aquele artefato provavelmente foi criado e pensado por um profissional de *design* que almejava tornar prático e seguro o armazenamento de cartões tanto de crédito/débito como de cartões de visita, funções para as

quais realmente utilizo. Disse a eles que apesar de não gostar tanto da estampa, por não me atrair esteticamente por ela, tinha com aquele artefato uma relação afetiva, pois o porta-cartão me trazia memórias boas e acolhedoras da pessoa que me presenteou. Acrescentei que o artefato me fazia lembrar a pessoa sempre que eu o utilizo. Com isso, exemplifiquei que artefatos do dia a dia podem cumprir diferentes papéis que vão além de sua função, podem despertar para alguma memória, algum sentimento, ter outras funções diferentes para as quais foram projetados. E, que ainda, podem ser “[...] nossa maneira de medir a passagem de nossas vidas. São o que usamos para nos definir, para sinalizar quem somos, e o que não somos. Ora são as joias que assumem esse papel, ora são os móveis que usamos em nossas casas, ou os objetos pessoais que carregamos conosco, ou as roupas que usamos.” (SUDJIC, 2010, p.21).

Em seguida, citei mais passos da oficina, que falaria da Cultura Visual, de cores, estampas, e que eles produziriam ao final uma flâmula, que seria deles, um projeto deles, com apenas algumas orientações minhas, que eles seriam atuantes no processo, tanto mentalmente, com suas reflexões, como na prática, através da confecção dos elementos da estampa e finalização da mesma. De antemão, pedi para que eles já pensassem em um artefato de uso pessoal que remetesse a alguma lembrança importante para eles, que se referisse a algum momento bom de suas respectivas vidas. Ao fim da explicação, perguntei se haviam dúvidas em relação ao tema e me foi respondido que não, somente em relação a datas mesmo. Alguns ficaram um pouco tímidos de aceitar a proposta. Outros prontamente confirmaram. Ao fim deste encontro os oito alunos presentes aceitaram participar do evento.

Diante desta experiência de falar aos estudantes e da aceitação deles, fiquei mais entusiasmada para levar o projeto adiante. Naquele dia não consegui falar com a outra turma indicada, pois estavam em aula e a semana estava comprometida com um feriado prolongado e a coordenadora orientou que eu retornasse na semana seguinte.

No encontro com a outra turma indicada, estavam presentes treze estudantes. Alguns não demonstraram muito interesse no assunto, percebi que estavam um pouco distantes. Mas alguns notavam e tentavam prestar atenção. Fiz o mesmo processo de apresentação do tema, do artefato, do roteiro da oficina. Neste dia talvez eu tenha sido um pouco menos clara e alguns ficaram com dúvidas. Por eu ter pouca experiência para falar com adolescentes me senti um pouco mais inibida com a quantidade maior do público nesse segundo encontro. Consegui explicar novamente. Uma estudante perguntou se ela poderia aplicar a estampa em um colar e um outro estudante perguntou se poderia fazer em uma camisa. Respondi que poderiam aplicar a técnica que aprenderiam nesses outros suportes posteriormente por conta

própria, para que experimentassem. Gostei dessas perguntas, pois notei que apresentaram um interesse no campo da estamparia.

Outra pergunta do mesmo estudante que questionou se poderia aplicar a estampa em uma camisa foi se ele poderia levar o celular como artefato, pois é um acessório tecnológico que ele utiliza o tempo todo. Outros acabaram demonstrando interesse em levar seus celulares como ponto de partida para as suas reflexões. Penso que ultimamente o celular tem feito tanto parte do dia a dia, que se tornou algo “necessário”, o que faz com que talvez pensemos nele como algo que nos traz todo tipo de memórias, como se tudo estivesse armazenado e resumido nesse pequeno aparelho de mão.

Ao fim dos dois encontros contei com treze interessados em fazer a oficina. Considerei um número positivo dadas as condições mencionadas pela coordenadora. No decorrer dos dias até o dia da oficina fui montando a apresentação de acordo com o roteiro que eu havia montado. Preocupe-me com a forma com que iria apresentar, para que não ficasse monótono, para que fosse dinâmico e instigante para os participantes. A oficina foi dividida em dois momentos. No primeiro dia, 26 de outubro foi apresentada a parte teórica e no dia 27 de outubro a parte prática.

A partir deste ponto vou relatar como a oficina foi acontecendo. No dia marcado, dos treze alunos, compareceram apenas cinco. Segundo a coordenadora, isso costuma ocorrer, e ter essa quantidade foi considerado algo positivo. Iniciei os trabalhos com uma apresentação de slides perguntando a eles o que achavam que era Cultura Visual. Eles se mostraram um pouco em dúvida e demoraram um pouco a falar até que uma estudante mencionou como resposta “dança”, “dança regional”. Disse então que sim, que isso se enquadra, pois está no imaginário e que se refere a algo já visto, mesmo que através de vídeos ou fotos.

Na sequência comecei a mostrar imagens que não continham legendas e os indaguei a respeito, perguntei o que vinha a mente quando viam cada uma das imagens. A seguir mostrarei as imagens que estavam contidas nos slides e relatarei os comentários que fizemos sobre elas.



Imagem 1

O que vê nesta imagem? Descreva. Resposta de todos: “Um chinelo”. Resposta 1: “Um chinelo azul bebê” –

O que te faz lembrar? Resposta 1: “Praia” Usam no dia a dia? Resposta: “Sim”.



Imagem 2

Primeiramente percebi que os participantes, principalmente as do gênero feminino não se atraíram muito pelo tipo de chinelo, fizeram expressões faciais que demonstravam isso. O que vê nesta imagem? Descreva. Resposta 1: “Um chinelo decorado” Resposta 2: “Chinelo de artesanato” .



Imagem 3

O que vê nesta imagem? Descreva. Resposta 1: “Praia” Resposta 2: Amigos na praia. O que sente? O que lembra? Resposta 1: “Vontade de ir a praia” Resposta 2: “Praia” Resposta 3: “Férias”.



Imagem 4

Observei que um participante gostou de ver a mochila, pois ele tem uma bastante parecida e se identificou reagindo com um sorriso. O que você nessa imagem? Descreva. Resposta em comum: “Mochila” Resposta 2: “Mochila preta” Do que se lembram quando veem essa imagem? Resposta 1: “Escola” Resposta 2: “Viagem” Acham que a mochila é feminina ou masculina? Resposta 1: “Tanto faz” Resposta 2: “Masculina”



Imagem 5

Perguntei aos participantes se conheciam essa paisagem. Uma participante disse “Cristo Redentor?”, outro disse que sabia que era no Rio de Janeiro, mas não sabia precisar. Perguntei se já haviam estado lá e disseram que ainda não. Então perguntei o que sentiam. Das respostas que mais fiquei impressionada e que gostaria de destacar aqui são a de que uma participante disse que transmitia paz a ela, enquanto que para outro participante dava uma certa apreensão pois verificou que havia um avião na imagem, e ele tem medo de altura, o que o fez com que se sentisse desconfortável. Então aproveitei essas falas e consegui com isso, exemplificar melhor que as imagens trazem muitas leituras, dependendo do ponto de vista, vivência, experiência de cada um. Cada um ao ler a imagem carrega um plano de fundo para poder interpretá-la e senti-la.



Imagem 6

Essa imagem corresponde a um universo mais próximo dos participantes, visto que eles moram na cidade onde estudam (exceto por uma participante que mora em uma cidade vizinha). Ao mostrar essa imagem eles reconheceram rapidamente o contexto e o lugar, Nilópolis. Indicaram que se tratava do *shopping* da cidade. Ao perguntá-los sobre o que lembravam, a que imagens e lembranças essa paisagem representava para eles, uma das participantes lembrou-se de saída com os amigos para comer pizza. Outra participante pensou em compras de roupas.

Acho que essa imagem foi pertinente, pois é próxima da realidade em que vivem, então puderam compartilhar mais e se sentiram mais à vontade para fazê-lo.



Imagem 7

Ao mostrar essa imagem, resolvi perguntá-los se sabiam identificar o local da foto. Um dos participantes logo disse que deveria se tratar de algum local no Rio de Janeiro. O perguntei o por quê, ele então respondeu que pela camisa do time carioca Vasco da Gama deveria ser no Rio de Janeiro. Os outros participantes também acharam que fosse em algum local pela cidade do Rio de Janeiro, não acharam que fosse por Nilópolis, por exemplo. Quando pesquisei esta imagem notei alguma semelhança com locais do Rio de Janeiro também, como Madureira, algum centro com comércio popular. Mas encontrei essa imagem em um *blog* de uma pessoa que mora em uma cidade da Bahia, sendo a foto de Ilhéus. Esta imagem foi registrada lá. Achei interessante o fato dos participantes também terem achado que fosse o Rio de Janeiro. Com isso, eu comentei com eles sobre as semelhanças que podem acontecer em um lugar ou outro, dada a sua população, que às vezes por influência de outros locais, por seus costumes vão imprimindo um visual similar a outros.

Somente após a apresentação e trabalho com as imagens que mostrei o conceito de Cultura Visual a eles, para que pudessem percorrer as imagens, pensar sobre elas e depois assim conseguir entender melhor o que era. Escolhi esse caminho, pois estamos mergulhados em imagens o tempo todo, temos mesmo que de forma inconsciente conceitos sobre as imagens que nos rodeiam. Como se soubéssemos algo sem saber que existe um conceito para explicar. No *slide* seguinte escrevi o conceito dado por Hernández. “a Cultura Visual engloba questões sobre as formas de um indivíduo olhar para uma imagem e como esta imagem é constituída através dele e como o indivíduo que a vê se constitui. Hernández (2011, p. 33) afirma que “[...] as imagens e outras representações visuais são portadoras e mediadoras de significados e posições discursivas que contribuem para pensar o mundo e para pensarmos a nós mesmos como sujeitos””. Desse slide lembrei o que aconteceu quando mostrei a foto da paisagem do Pão de Açúcar, onde uma participante disse que experimentou a sensação de paz, enquanto outro experimentou uma certa angústia, pois verificou que havia um avião e lembrou que tem medo de altura. Eles então experimentaram reconhecer algo neles mesmos através de uma imagem. Assim, consegui clarificar mais o conceito para eles de acordo com o que experimentaram.

Em relação ao artefato que levaram coloquei no *slide* posterior a seguinte fala: “Estamos rodeados de imagens, artefatos, carregados de significados impressos por diferentes culturas, diferentes pessoas. Vai além do significado de quem projetou, criou tal objeto, artefato. Esses significados dizem muito sobre quem o vê e quem o vê pode também dizer muito sobre isso”, adaptado de Hernández (2011, p.36). Inseri esse *slide* para que eles

começassem a compreender melhor sobre como um artefato poderia trazer significados para eles que iriam além da função principal deles.

Em seguida falei a eles um pouco sobre cores, mostrei as cores primárias, secundárias e terciárias e abordei um pouco sobre a temperatura das cores. Ao mostrar uma parte do círculo cromático das cores quentes, um participante logo apontou que lembrava fogo. Achei este ponto interessante porque a ideia é essa mesma. Este tópico foi interessante para que eles pudessem escolher melhor as cores que iriam usar, como misturá-las e o que elas podem representar. Comentei que as cores podem assumir diferentes significados dependendo da cultura de um local específico. Dei o exemplo da cor branca e da cor preta. Que aqui no Brasil a cor preta significa luto e a branca paz. E que no Japão a cor que usam para o luto é branca. Essa informação pareceu nova para eles e creio que tenha ajudado a compreender como as cores podem influenciar de formas diferentes.

Antes de chegar ao ponto da conceituação de estampas, de design de superfície conversei com eles sobre as estampas de suas respectivas mochilas. Perguntei o porquê de cada um estar utilizando aquelas mochilas com aquelas estampas específicas, pois aqueles artefatos poderiam dizer muito a respeito deles. As respostas se seguiram: Resposta 1: “Ganhei essa mochila”; Resposta 2: “Queria uma outra da loja, mas quando fui comprar não tinha mais e comprei essa mesma”; Resposta 3: “Peguei emprestada da minha mãe. Nem gosto muito, mas ela não estava usando”; Resposta 4: “Gosto da cor preta, de algo básico”; Na mochila de uma das participantes tinha um chaveiro com um personagem que representava o sentimento de raiva. A participante afirmou que uma amiga havia lhe dado de presente porque combinava com a personalidade dela. Perguntei se realmente se parecia e a resposta foi de que sim, parecia um pouco.

Cheguei então à parte da conceituação do design de superfície e levei para eles um conceito dado por Renata Freitas:

“A função da superfície vai além de ser o invólucro de qualquer corpo existente ou suporte de matéria- prima. É também a camada de comunicação com o mundo exterior. Por meio da manipulação da superfície, da seleção dos materiais, grafismos, texturas e cores nos objetos de uso é possível estimular os sentidos humanos e provocar sensações, fortalecendo a conexão estabelecida entre usuário e objetos por meio da experiência emocional.” (FREITAS, 2012)

A partir deste conceito elucidei aos participantes a importância que o design de superfície exerce sobre produtos. Pois primeiro, tem-se o artefato com sua função primária, função que é o uso propriamente dito. A superfície do artefato trabalhada com desenhos,

texturas, grafismos como a autora afirma traz uma relação diferenciada e que vai atingir a cada pessoa de uma forma única. O usuário pode tanto se sentir de alguma forma afetado, como pode não se sentir, estabelecendo em ambas as situações uma experiência. Certas estampas podem atingir um determinado público-alvo a fim de vender para este tipo de usuário.

A superfície estabelece contato com o usuário, ela pode trazer uma história que emocione de alguma forma a quem a percebe. Para ilustrar, mostrei novamente a eles a imagem com o chinelo na cor branca, considerado simples, um modelo mais padronizado e para contrastar, mostrei a imagem de um chinelo com o modelo e superfície trabalhados de forma a estabelecer conexões.



Imagem 8

A imagem dos chinelos com a superfície trabalhada despertou em uma das participantes um entusiasmo. Ela disse que achou bem bonita e que teria uma dessas e que inclusive, pediria à mãe para que comprasse um par para ela. A reação foi tão imediata, que pode comprovar a conexão que pode ser estabelecida entre o artefato e o usuário. As cores, tema, textura agem e aproximam de forma consciente ou inconsciente artefatos e pessoas.

Como exemplo de projeto de design de estampas, citei o meu projeto de conclusão de curso da graduação em Design Gráfico, onde elaborei uma coleção com 10 estampas inspiradas na Arte Popular Brasileira, com foco nas obras do artista maranhense Nhozinho.



Imagem 9



Imagem 10

Com essas imagens, expliquei que criei elementos para a composição das estampas a partir das referências que eram as obras do artista, o contexto do bumba-meu-boi. Apresentei a eles os resultados a seguir:



Imagem 11



Imagem 12

Expliquei que num projeto de *design* de estampas, o designer parte de uma ideia mercadológica ou uma inspiração para algo mais intuitivo. E que na oficina em si, iriam partir do artefato pessoal, que trazia memórias, aspectos afetivos importantes que seriam traduzidos na flâmula de tecido.

Para o processo ser mais afetivo, mais manual, mostrei a possibilidade de fazerem carimbos. Esta seria mais uma opção de técnica para aplicarem além de pintura com pincel, canetas ou outros materiais que estariam disponíveis no dia seguinte para trabalharem. Os participantes ficaram bastante empolgados com a ideia do projeto.



Imagem 13 – exemplo de estampa manual com carimbo



Imagem 14 – exemplo de flâmula de tecido

No segundo dia da oficina, iniciamos a parte prática. Compareceram quatro dos cinco participantes do dia anterior. Iniciamos os trabalhos e cada participante levou o seu artefato de uso pessoal. Reuni os alunos e fiz as perguntas individualmente inspiradas em um roteiro

criado por Mirian Celeste Martins⁴ apud Paola Gentile (2003), Doutora em Artes pela Universidade de São Paulo: “Em sua casa, as pessoas costumam utilizar este mesmo artefato?”; “Para que serve cada parte deste artefato?”; “Este artefato é comumente utilizado pelas pessoas ao seu redor?”; “É possível dizer quando este artefato foi feito?”; “O que esse artefato provoca em você? Perceba suas emoções e sensações.”; “Outras pessoas tem costume de utilizar este artefato? Ou usam outros tipos?” “A partir do artefato que imagens vêm a mente?” “Como você pode expressar visualmente?”

Com essas questões, os participantes começaram a refletir sobre os artefatos. Uma estudante levou uma caixinha de música que seu avô tinha dado de presente a sua mãe. Segundo a estudante, ela não chegou a conhecê-lo, o que faz com que a caixinha tenha muita importância para ela. Acrescentou que traz lembranças a ela que gostaria que não tivesse fim. A segunda participante levou consigo um pingente de cordão que sua bisavó lhe deu antes de falecer e que remetia a boas lembranças com ela. A participante relatou que o artefato a faz se sentir muito bem e que ela deixa guardado. A terceira participante levou um coelho de pelúcia verde, o qual foi o primeiro presente de aniversário de quinze anos que ela ganhou. Foi dado por um amigo que morava longe e foi passar o dia com ela. Isso a remete a certeza de ter escolhido bem seus amigos, porque quando a pessoa comprou o coelho achou que era “a cara” dela, seria do gosto dela. O quarto participante levou um objeto que estava em um dos seus dedos como se fosse um anel, eu mesma o perguntei: “Por que você trouxe um anel?”. Ao que ele respondeu que não se tratava de um anel e sim, uma peça de *skate*, pois ele gostava e aquela peça pertencia ao seu primeiro *skate*, com o qual iniciou a prática. Eu mesma, como observadora e pesquisadora, presumi algo antes de ter a certeza do que era, baseado no formato e maneira como o estudante apresentou o artefato. Achei isso bem interessante, e comentei com eles a respeito, pois foi um exemplo de que nem sempre as coisas são o que pensamos que é. E que a minha experiência, as minhas memórias fizeram com que eu pensasse se tratar de um outro artefato com função diferente.

Isso tornou a experiência da oficina mais rica, pois contamos com situações que não estávamos controlando e que trouxeram exemplos de como a Cultura Visual se comporta no dia a dia. Em como fazemos suposições sobre determinadas situações, como temos opiniões já baseadas no já que vimos anteriormente e que utilizamos para as interpretações de situações cotidianas.

⁴ MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles . “A Língua do Mundo - Poetizar, Fruir e Conhecer Arte”. São Paulo: FTD, 1998.



Imagem 15 – Participantes iniciando os desenhos/esboços dos elementos da estampa

Os participantes não expressaram tanto verbalmente o que sentiam, comentei que nem sempre conseguimos descrever as imagens que estão nas nossas mentes, que o dizer não dá conta do que vemos, como escreve Hernández (2011). Segundo o autor “[...] construímos um artifício que termina em um jogo de palavras – erudito em ocasiões, de puro expressionismo verbal em outras -, que gira e termina no simulacro daquilo que falamos do que vemos (e não de como nos vemos no que vemos).” (HERNÁNDEZ, 2011, p. 34). Então disse a eles que poderiam trabalhar tanto elementos figurativos, com as formas conhecidas, como algo mais abstrato, quando não conseguissem achar uma forma específica. Disse para pensarem nas cores, nas texturas.

Iniciaram desenhando elementos, fazendo esboços a lápis em folhas de papel sulfite. Disponibilizei lápis de cor também, caso já quisessem estudar as cores que usariam na finalização.

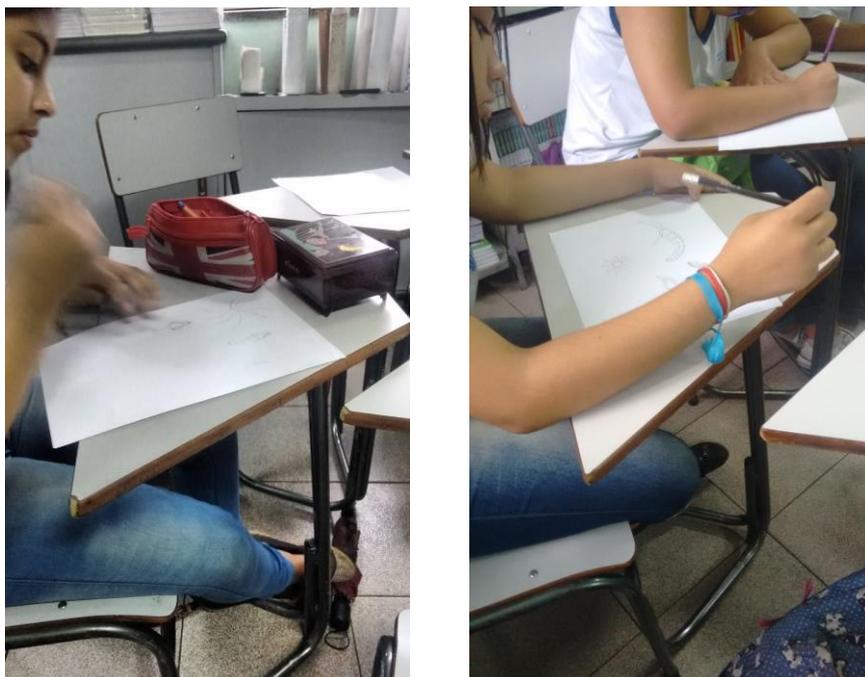


Imagem 16 e 17 – Participantes esboçando os elementos para a construção das estampas

Após o momento de desenvolvimento dos elementos, eles organizaram os elementos no papel antes de passar para o suporte final, assim, planejando como a estampa iria se comportar na flâmula.



Imagem 18 – composição dos elementos da estampa no molde da flâmula

Pude observar que os participantes gostaram de fazer este trabalho, pois conforme foram vendo as possibilidades, foram gostando mais da atividade. Para confeccionar os carimbos, orientei que fizessem com material emborrachado com base feita em papel paraná. Esses materiais foram disponibilizados por mim, pois tinha em casa algumas sobras oriundas

de outros trabalhos. Depois de terem feito desenhos dos elementos das estampas, eles me perguntaram como fazer para passar para o material emborrachado que seria cortado no formato do elemento. Mostrei a eles a técnica do decalque, onde eles riscaram com lápis no verso do desenho apoiados no material emborrachado, funcionando como um *transfer*, ou seja, transferindo de uma superfície para a outra.

Mais adiante, imagens do processo da construção das estampas dos participantes da oficina. Além dos carimbos, eles puderam pintar diretamente no tecido com o auxílio de um pincel. A primeira participante a seguir apresentada, desenvolveu o seu projeto de estampa se inspirando diretamente na bailarina de dentro da caixa de música, depois foi acrescentando outros elementos, também figurativos, que foram pequenos espelhos. Fez um primeiro esboço com uma bailarina e uma espécie de espirais que irradiavam dela, em seguida decidiu utilizar o carimbo, onde precisou simplificar um pouco mais as formas dos elementos.

Percebi que consegui distribuir os elementos pela flâmula com uma certa repetição interessante. Ao final, a participante achou que o seu resultado ficou simples em comparação aos trabalhos dos colegas, mas que ficou satisfeita mesmo assim. Rodrigo Claro, professor de artes da escola me acompanhou nesse segundo dia, e disse a ela que o trabalho ficou parecido com o seu jeito, um jeito mais delicado. Sua aparência realmente a faz parecer delicada, mas segundo ela e sua colega, isto não procede muito, pois a participante tem um outro tipo de personalidade.

Achei pertinente deixar esse comentário, pois o tempo todo estamos lendo imagens, estamos lendo o que acontece ao nosso redor, e por vezes, interpretamos de acordo com as nossas vivências e podemos entrar numa armadilha onde nem tudo é o que parece ser. “Porque o que vemos forma parte e ao mesmo tempo produz um discurso que regula não apenas o olhar, mas quem olha. E o faz distraído e deslocando o foco do olhar de quem vê: ao ver um objeto, o relato sobre seu produtor desvia o olhar de quem vê”. (HERNÁNDEZ, 2011, p.36).



Imagem 19 – Esboço inicial dos elementos a partir das reflexões sobre a caixinha de música

Imagem 20 - Execução da transferência do desenho do elemento

Imagem 21 – Confeção do carimbo com o meu auxílio para o corte do papel Paraná



Imagem 22 – Pintura com auxílio do pincel

Imagem 23 – Aplicação do carimbo sobre o tecido

A segunda participante que apresento a seguir utilizou um pingente de cordão que sua bisavó deu a ela de presente antes de falecer, e, que remetia a boas lembranças com ela e a faziam se sentir muito bem. Como a primeira participante que apresentei, ela resolveu ir por um caminho similar. Tomou por base o formato do pingente para fazer os elementos de maior destaque na estampa.



Imagem 24 – Participante esboçando

Imagem 25 – Participante com a estampa planejada no papel e com o carimbo pronto para aplicação.



Imagem 26 e 27 – Pintura de elemento diretamente no tecido /resultado final da flâmula.

A terceira participante levou como objeto um coelho de pelúcia. Ela ganhou de uma pessoa querida como primeiro presente de aniversário de quinze anos de idade. Ela remete à certeza que tem de que escolheu bem seus amigos, pois quem deu o coelho partiu de longe para passar o dia junto dela. E o amigo quando viu o coelho de pelúcia, achou que fosse “a cara” dela.

Ela relacionou o artefato com o seu aniversário de quinze anos e desenhou mais um elemento, que era um bolo de aniversário e também chapéus típicos desse tipo de evento.

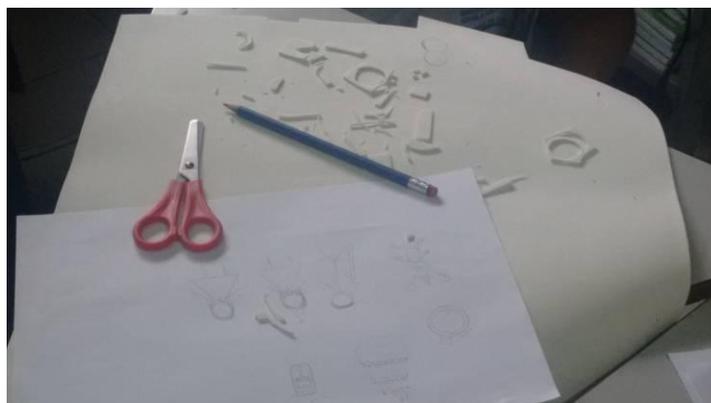


Imagem 26 – Planejamento da estampa no papel

Imagem 27 – Desenho de elementos e recortes do material emborrachado para confecção dos carimbos



Imagem 28 – Impressão dos carimbos no tecido da flâmula



Imagem 29 – Flâmula mais trabalhada tanto com pintura a pincel quanto pintura a dedo.

Esta participante ficou bastante empolgada com as tintas, e foi acrescentando mais camadas ao trabalho dela. Foi bastante despojada ao fazer e se mostrou bastante empolgada. A impressão que fiquei é que ela estava realmente se expressando intuitivamente, deixando o processo fluir. Ela sentiu a necessidade de ocupar quase todos os espaços da flâmula.



Imagem 30 – Finalização da flâmula

Percebi que o quarto participante aqui apresentado, desde quando fiz a reunião com os estudantes para apresentar a proposta, se mostrou muito interessado na oficina, ainda mais quando no primeiro dia contei que faríamos carimbos. Como artefato de uso pessoal, o estudante levou uma peça que faz parte do rolamento de seu primeiro *skate*, o qual ele gosta muito. Notei que ele ficou bastante pensativo até conseguir expressar as suas imagens geradas a partir do artefato, para o papel. Em certo momento, me pareceu um pouco ansioso com isso e o tranquilizei dizendo que poderia levar o tempo que precisasse.

Aos poucos ele começou a fazer os esboços dos elementos das estampas e foi concretizando a atividade. Decidiu fazer algo mais tipográfico, escrevendo a palavra *flip*, que é uma manobra de *skate*.



Imagem 31- Execução dos carimbos depois de finalizar os esboços



Imagem 32- Retoque na impressão do carimbo para realçar as cores



Imagem 33- Retoque na impressão do carimbo para realçar as cores



Imagem 34 - Finalização da flâmula com mais elementos

Eu havia previsto duas horas de duração para o segundo dia, assim como no primeiro, mas tivemos que avançar por mais cerca de quarenta minutos para finalizar tudo. E ainda assim, com o tempo já avançado, os participantes sentiram vontade de fazer mais uma flâmula, e desta vez, com tema livre. Permitted que o fizessem e foram bem mais intensos.

Somente um participante não conseguiu fazer um a mais a tempo, mas levou material para casa para que pudesse realizar tal tarefa. Foi interessante, pois neste momento eles começaram a interagir ainda mais. Algumas fotos a seguir do momento em que fizeram suas flâmulas de forma livre:



Imagens 35, 36, 37, 38, 39 e 40



Imagem 41 – Fim da oficina com exibição das estampas nas flâmulas.



Imagem 42 e 43 – Exposição das flâmulas nas dependências da escola

Após a realização da oficina, houve no dia 16 de novembro de 2017, uma exposição das flâmulas nas dependências da escola durante um evento que durou o dia todo com temática voltada para o Dia da Consciência Negra. Como o resultado dos trabalhos da oficina que ministrei aborda subjetividade, a coordenação achou interessante a exibição dos trabalhos naquele dia.

7 RESULTADOS PREVISTOS

A oficina do presente projeto buscou incentivar o processo de desenvolvimento cognitivo dos estudantes, do pensamento crítico, do reconhecimento de outras histórias e respeito a elas. Gerar reflexões sobre o papel de cada um e como as imagens ao redor colaboram para o processo de identidade e representatividade. Com a produção de um produto autoral carregado de imagens, impressões, subjetividade de cada um, mostrar que são capazes de se expressarem visualmente.

Pretendo levar a oficina para outras escolas posteriormente e a outros institutos que possam se interessar, para que assim um público maior seja atingido.

8 CRONOGRAMA

Atividade	Período
Pesquisa, escolha da técnica de estampa, montagem da oficina	Janeiro/abril 2017
Contato com escolas públicas e professores	Março/abril 2017
Obtenção/compra materiais da oficina	Julho/2017
Realização da oficina	Outubro/2017
Escrita do memorial	Outubro a dezembro/2017
Entrega do memorial	Dezembro/ 2017
Defesa do memorial para a banca	Primeira quinzena janeiro/2018

9 ORÇAMENTO

O orçamento mostrado na tabela a seguir contém os valores de materiais referentes a uma turma com 25 (vinte e cinco) participantes. Os materiais foram fornecidos pela escola onde a oficina foi ministrada antes da confirmação de quantidade de alunos participantes, pois como o projeto teve uma verba governamental destinada ao Programa de Ensino Médio Inovador (PROEMI), existiu um prazo anterior ao contato com os alunos para que todo o material fosse comprado.

Orçamento ideal

Item	Quantidade	Valor total
Material para pintura	20 unidades	R\$ 100,00
Papel sulfite A4	500 fls	R\$ 20,00
Tecido de algodão cru	2 metros	R\$ 40,00
Pincéis	25 unidades	R\$35,00
Lápis de cor	5 caixas com 12 cores	R\$52,00
Lápis preto HB	25 unidades	R\$ 15,00
Toalha de papel	2 rolos	R\$ 4,99
Transporte	28	R\$200,00
Alimentação	10 dias	R\$120,00
Material para divulgação	4 unidades	R\$ 20,00
Certificados de participação	25 folhas	R\$37,50
Total		R\$ 644,49

Orçamento real material fornecido pela escola

Item	Quantidade	Valor total
Material para pintura	20 unidades	R\$ 100,00
Tecido de algodão cru	2 metros	R\$ 40,00
Pincéis	25 unidades	R\$35,00
Toalha de papel	2 rolos	R\$ 4,99
Total		R\$ 179,99

Orçamento real custos pessoais

Item	Quantidade	Valor total
Transporte	8 dias	R\$ 72,80
Pratos descartáveis	10 unidades	R\$2,99
Total		R\$ 75,79

11 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De forma geral, percebo que o projeto foi bem produtivo e positivo. Como experiência pessoal e profissional me realizei de uma forma que me deixou satisfeita. Como foi uma primeira experiência a frente deste tipo de atividade, considero que há pontos a aprimorar na execução da oficina, tanto tecnicamente, como em conteúdo.

Os participantes puderam experimentar o fazer de uma estampa localizada, a iniciação de um projeto de design de estampas a partir de artefatos do uso de seus respectivos cotidianos que carregam e despertam memórias. Nem sempre estamos atentos a tudo que está ao nosso redor. Estamos tão imersos num mundo de imagens que podemos nos confundir. Os participantes tiveram a oportunidade de parar para pensar e analisar a importância que o artefato possuía na vida deles, de que forma os afetava.

Ao mostrar as imagens durante o primeiro dia da oficina, os estudantes se depararam com questões que os instigaram a pensar sobre aquilo. O que seria apenas uma imagem se transformou em sentidos e significados que já estavam ali na memória deles, mas que não percebiam que estavam. E viram que os colegas em alguns momentos pensavam de forma parecida e em outros, não.

Para mim, foi interessante ter pensado, planejado a oficina e no decorrer dela me deparar com alguns pensamentos que antes não tinha. De poder aproveitar exemplos que já estavam dentro do ambiente da biblioteca. Pois assim, foi ainda mais eficaz e tangível aos participantes compreender o conteúdo. Quando comentamos sobre as estampas e formas das mochilas, foi realmente prático e enriquecedor. Ali, foi possível extrair exemplificações dos conceitos de Cultura Visual. Eu olhava para uma mochila e pensava que o usuário gostava daquela estampa, mas na verdade foi porque a pessoa estava usando de forma emprestada ou porque não tinha outra opção.

As imagens carregam intenções de quem as criou, mas essas intenções se desprendem de quem as fez, projetou, criou, ao chegar ao receptor. Receptor esse que possui outras intenções de acordo com as suas vivências. Pois como um exemplo dado por Sudjic (2010), um par de óculos pode ser um artefato de uso corretivo da visão, medicinal, como pode ser um acessório de moda. E dependendo da marca, do modelo, pode imprimir ao usuário uma imagem para outras pessoas de poder, de personalidade ou até mesmo de classe social. O autor ainda questiona a respeito do design das coisas, dos artefatos, que dependendo de suas cores, texturas e materiais empregados podem sugerir que algo é mais feminino ou mais ou

menos luxuoso. Com isso faz a pergunta: “[...] essas propriedades são verdadeiramente intrínsecas ou seus significados são adquiridos pela repetição constante, pela familiaridade e pela convenção [...]?” (SUDJIC, 2011, p.34).

Além dos artefatos terem seu perfil funcional, eles abrangem um espectro maior eles pressupõe um conhecimento adquirido para que eles fossem criados, marcam a tecnologia de sua época de desenvolvimento, com isso, contam a história e ajudam na recriação de artefatos do futuro. Os artefatos surgem de demandas próprias ao seu tempo, à oferta tecnológica, a perfis de usuários. Com isso, eles tanto podem ser algo necessário para facilitar o dia a dia, como podem se transformar em artefatos de desejo, como uma cultura trabalhada para o consumo daquele produto Cardoso (2013, p.106-110).

O design de superfície está presente no nosso cotidiano, seja nas nossas roupas, nos pisos das nossas casas, nos utensílios que utilizamos na cozinha, nos acessórios de uso pessoal, nos bancos dos meios de transporte, até nas peles das pessoas em forma de tatuagem. Esse visual que é produzido nos afeta diariamente, às vezes escolhemos ver, às vezes vemos e não percebemos. Outras vezes captamos de forma inconsciente.

A Cultura Visual é um processo longo, construído diariamente através de todas as imagens que consumimos, interpretamos e refletimos. Mas nem sempre paramos para analisar o que está a nossa volta e isso pode ser um desperdício, pois quando analisamos, quando nos deixamos perceber o que acontece e paramos para refletir, podemos ter a oportunidade de nos conhecermos mais e pensar sobre o nosso papel no mundo em que vivemos.

Uma das participantes relatou que ficou muito agradecida por eu ter me disponibilizado para executar a oficina, pois ela viu coisas numa imagem que ela nem pensava que existisse. Já outra disse que achou muito bacana porque pôde se expressar através do artefato que gosta e que faz parte da vida dela. Isso para mim é de grande valia, pois mostra que consegui afetá-los dessa forma. Conseguiram compreender e praticar o objetivo da oficina. A terceira relatou ter achado a oficina muito boa e que aprendeu que não sabe desenhar muito bem, mas que pode do mesmo jeito demonstrar seus sentimentos através da pintura.

Com isso, percebo que os participantes se sentiram aptos a produzir algo, se sentiram à vontade e experimentaram mais possibilidades de expressão pessoal e artística. Como os participantes não tinham tido uma aula de artes anteriormente, perceberam com a oficina que são capazes sim, de produzir algo, de se expressarem, de experimentarem novas linguagens.

No processo de construção de estampas na oficina, os participantes tiveram a oportunidade de entender que uma imagem pode ter várias interpretações e despertar

diferentes memórias e sensações. Os artefatos que levaram, carregados de significados, se transformaram em imagens impressas numa flâmula de tecido de algodão cru. Dali, outros significados serão encontrados dependendo de quem as vir, as interpretar. E pode ser, que daqui a um tempo, os próprios autores façam outras leituras, pois já terão vivido outras experiências, construído novas memórias e reflexões. Eis aí o caminho da Cultura Visual.

12 REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Ana Mae: Era uma vez... A obrigatoriedade das artes no currículo do ensino médio. *Select*, São Paulo, ed. 33, 13 ago. 2016. Disponível em: < <http://www.select.art.br/era-uma-vez-obrigatoriedade-das-artes-no-curriculo-do-ensino-medio/>>. Acesso em: 15 fev. 2017.
- CARDOSO, Rafael. Contexto, memória, identidade: o objeto situado no tempo-espaço. *Design para um mundo complexo*. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2011. p. 47-97.
- _____. A vida e a fala das formas: significação como processo dinâmico. *Design para um mundo complexo*. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2011. p. 101-168.
- CHARRÉU, Leonardo. Cultura Visual: rupturas com inércias e ignorâncias curriculares. In: MARTINS, R.; TOURINHO, I (Org.). *Educação da Cultura Visual: conceitos e contextos*. 1. ed. Santa Maria: UFSM, 2011. p. 113-128.
- DONDIS, Donis A. Alfabetismo visual: como e por quê? In: _____. 3. ed. *Sintaxe da linguagem visual*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 227-231.
- FREITAS, Renata. As ações comunicacionais táteis no processo de criação do design de superfície. In: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: PUC-SP, 2009. p.36 Disponível em: < <https://pt.scribd.com/document/343425406/Renata>> Acesso em 18 dez. 2017
- GENTILE, Paola: Um mundo de imagens para ler. *Gestão Escolar*, São Paulo, ed. 01 abr. 2010. Disponível em: < <https://novaescola.org.br/conteudo/1018/um-mundo-de-imagens-para-ler>> . Acesso em: 21 out. 2017.
- GOMES, K.B.; NOGUEIRA, S.M.A. Ensino da Arte na escola pública e aspectos da política nacional: contexto e perspectivas. *Ensaio: aval. pol. públ. Educ.*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 61, p. 583-596, out./dez. 2008 Disponível em <www.scielo.br/pdf/ensaio/v16n61/v16n61a06.pdf>. Acesso em 16 fev. 2017.
- HERNÁNDEZ, Fernando. A cultura visual como um convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito. In: MARTINS, R.; TOURINHO, I (Org.). *Educação da Cultura Visual: conceitos e contextos*. 1. ed. Santa Maria: UFSM, 2011. p. 31-48.
- MARTINS, Raimundo. A cultura visual e a construção da arte, da imagem e das práticas do ver. In: OLIVEIRA, Maria O. (Org.). *Arte, Educação e Cultura*. 2. ed. Santa Maria: UFSM, 2015. p. 19-40.
- RUBIM, Renata. *Desenhando a superfície*. 2. ed. São Paulo: Rosari, 2010.
- SUDJIC, Deyan. Linguagem. *A linguagem das Coisas*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2010. p. 10-51.

Apêndice

Roteiro Oficina

CULTURA VISUAL E A CONSTRUÇÃO DE ESTAMPAS:

Oficina de estampas experimental para adolescentes a partir de artefatos do cotidiano

Local: Escola Estadual Aydano de Almeida

Ministrante oficina: Patrícia Acosta

Professor coordenador: Rodrigo Claro

Encontros: 1 encontro com 1h, 1 encontro de 2h

Datas: 26/10/2017 e 27/10/2017 (quinta e sexta)

Conteúdo 1º encontro: 2 horas

1. Apresentação da ministrante da oficina e do professor orientador da escola;
2. Apresentação dos alunos (nome, idade);
3. Apresentação do tema da oficina (cultura visual);
4. Apresentação da cultura visual e seus conceitos;
5. Exemplos de fotos e contextos visuais;
6. Exercícios com os alunos sobre imagens mostradas;
7. Apresentação da estamparia artesanal com exemplos e conceitos básicos e demonstração de técnicas com ferramentas alternativas;
8. Cores (brevemente);
9. Ferramentas que podem ser usadas;
10. Será feita a proposta de trabalho:

- Observação do ambiente escolar, dos caminhos da ida para casa, o bairro em que moram, a própria casa. Podem fotografar o que acharem interessante e levar para a aula.

- Pedir para que levem uma fotografia, um artefato do cotidiano que o estudante se identifique, que tenha alguma importância em sua vida, propondo uma prévia reflexão sobre o artefato.

Conteúdo 2º encontro: 2h a 2h30min

1. Apresentação dos artefatos, fotografias de cada um
2. Desenho de elemento, estudos em papel sulfite a partir das reflexões e imagens dos artefatos que foram geradas. Serão disponibilizados canetinhas e lápis de cor.
3. Finalização do exercício com a entrega deles.
4. Incentivo a procurarem objetos, meios que ajudem a estampar com técnica alternativa (atrelando ao meio ambiente e reaproveitamento de materiais)
5. Os alunos mostrarão as ferramentas que levaram para trabalhar a técnica alternativa.
6. Serão disponibilizadas tintas, canetinhas, lápis de cor se precisarem fazer mais algum esboço.
7. Os alunos partirão então para a finalização da estampa diretamente em uma bandeirola de tecido em algodão cru no tamanho de 22cmx28cm.
8. Após a finalização, colocarão o palito de churrasco sem ponta e acabamento com barbante para que possa ser pendurado. A bandeirola pode significar então, um símbolo das imagens que foram geradas a partir das reflexões.